

## Jorge Teixeira de Oliveira, primeiro governador de Rondônia, entre a modernidade e a cordialidade

PAOLA CONCEIÇÃO FORONI<sup>1</sup>

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa dar início a uma longa análise e discussão acerca da figura do Coronel Jorge Teixeira de Oliveira, último governador do Território Federal de Rondônia e o primeiro governador do Estado de Rondônia, militar nomeado pelo último presidente da Ditadura Militar João Batista Figueiredo. A partir das leituras dos jornais regionais *A Tribuna*, *O Guaporé*, *Alto Madeira* e *O Estadão* dos anos de 1979 e 1981, ano da chegada de Jorge Teixeira ao Território Federal de Rondônia e ano de transformação em Estado, respectivamente, observando neles uma série de notícias enaltecendo a figura de Jorge Teixeira ou seus atos como governador. E através de depoimentos de historiadores, de pessoas que conviveram com o ex-governador e de pessoas que viveram em Rondônia naquele período, que também confirmam essa imagem de um bom administrador, surgiu o interesse de analisar um político tão conhecido e intocável no rol político do estado.

Além dos jornais também utilizamos como fonte de pesquisa os discursos do Governador Jorge Teixeira do livro *Governo Jorge Teixeira: 5 anos de realização para todos* que conta com os 30 principais pronunciamentos do governador no período de 1979 a 1984.

Nos últimos anos as análises compreendendo as relações entre história e cultura tem avançado cada vez mais no campo da historiografia. Abordagens históricas visando o estudo das atitudes e valores presentes em diversas sociedades

---

<sup>1</sup> Mestranda em História e Estudos Culturais da UNIR e bolsista pela CAPES.

a partir das chamadas “representações coletivas” ou “práticas sociais” (BURKE, 2000) tiveram grandes avanços a partir dos anos de 1980.

Nesta perspectiva, autores como Roger Chartier (1990) passaram a demonstrar a importância das análises voltadas ao estudo dos textos discursivos literários ou não, entendidas através dos aspectos dos seus agenciamentos e estratégias; da importância dos estudos sobre as histórias em torno dos objetos que suportam a transmissão do escrito.

Entendemos que as discussões em torno das perspectivas abertas pela Nova História Cultural (HUNT, 2006), devem também estar presentes nas abordagens históricas sobre a região Amazônica, sobretudo como forma de percebermos como os caminhos e descaminhos tomados por um processo de modernização capitalista nos dias de hoje relacionou-se com os discursos de militares como Jorge Teixeira, as elites econômicas e dirigentes locais e nacionais que o impuseram a partir dos anos de 1970.

Dessa forma, uma leitura dos discursos de Jorge Teixeira a partir de um viés histórico cultural pode nos possibilitar uma revisão de nossos olhares sobre o passado, a partir das representações que suas posições internalizaram em relação às preocupações dos militares, bem como das elites rondonienses e brasileiras com relação à integração sócio-econômica e cultural da Amazônia diante do conjunto do país.

A partir dessas leituras de jornais da época e dos discursos, percebemos a representação de uma suposta posição apolítica de Jorge Teixeira. Dessa forma o trabalho tem como objetivo demonstrar como um suposto discurso apolítico se configurou enquanto produto dos modos de pensar e agir dos militares durante a Ditadura Militar, como discurso modernizador e o caráter desenvolvimentista presente na região amazônica, Rondônia.

Contudo, apesar de negar sua condição política percebemos que esta transparece no político partidário e sua relação cordial com os seus aliados ou opositores. A partir do paralelo de suas ações com o do *homem cordial* proposto por Sergio Buarque de Holanda (1995). Esta pesquisa surgiu da necessidade de se

obter respostas acerca da forma como o discurso apolítico e ao mesmo tempo cordial do Governador Jorge Teixeira representou interesses políticos locais e nacionais perante a sociedade e como foi capaz também de representar certas transformações políticas, sociais e econômicas que o Estado precisava.

Por esse viés, tentaremos demonstrar a figura do ex-governador como um desvio dessa estrutura modernizadora, que teve nítido caráter conservador, diante da necessidade de ter que colocar em prática um processo de modernização em um ambiente periférico marcado pela cultura de tantos outros homens cordiais.

## **2 JORGE TEIXEIRA O HOMEM QUE VIVIA EM TERMOS DE MISSÃO<sup>2</sup>**

Jorge Teixeira de Oliveira nasceu no Rio Grande do Sul, mas foi criado e educado no Rio de Janeiro, teve sua trajetória militar e política na Amazônia. No seu itinerário (JORGE TEIXEIRA, Memorial, 2001) percebem-se as várias atividades administrativas que exerceu na estruturação de órgãos militares. Coursou a Academia militar das agulhas negras em Resende-RJ, formou-se em educação física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, fez o curso de Instrutor de educação física na Escola de Educação Física do Exército, foi pára-quedista militar e muito atuante nos cursos e atividades militares. Participou do curso de Guerra na Selva no Panamá. Em 1965 foi nomeado como Instrutor Chefe do curso de Guerra na Selva do CIGS (Centro de Instrução de Guerra na Selva) em Manaus-AM. Foi no comando do Colégio Militar, que Jorge Teixeira passou da esfera militar para a esfera política, quando em 1975 foi nomeado prefeito de Manaus-AM. Foi exonerado do cargo de prefeito em 1979, para ser nomeado governador do Território Federal de Rondônia pelo Presidente João Batista Figueiredo no dia 10 de abril de 1979, para promover a

---

<sup>2</sup> Em manchete do jornal Alto Madeira de 12 Dez. 1981: TEIXEIRA jura: não quer governar o Estado, Teixeira fala aos jornalistas “sou um homem muito simples e vivo em termos de missão”.

criação do Estado de Rondônia. Carregou consigo valores da vida militar e encarou o cumprimento dessa incumbência como uma “missão”.

Assim como na prefeitura de Manaus em Rondônia a atividade era diferenciada das outras “missões” dadas ao Coronel, era uma atividade civil e política, porém com âmbito bem maior que Manaus. Teve que conviver, trabalhar e aprender com a classe política do futuro Estado de Rondônia, que estava ávida a abertura democrática que acontecia lenta e gradativamente na política brasileira.

Abertura que nos leva a história do Brasil nesse período. As palavras de ordem desse período tanto em Rondônia como no restante do país, são: democracia, liberdade e crescimento econômico.

A ditadura no Brasil durou de 1964 a 1985. Quando Teixeira assume o governo de Rondônia, o regime militar está no quinto governo, o João Baptista Figueiredo (1979-1985), em que decreta Lei da Anistia, restabelece o pluripartidarismo acelerando o processo de abertura. Este foi o último governo da Ditadura Militar.

É neste período de transição que Teixeira com os recursos federais transformou Rondônia em Estado em 1981, por intermédio do presidente Figueiredo, administrando e estruturando em tão pouco tempo o que em muitos anos antes, tentaram e não conseguiram. Teixeira permaneceu no cargo até o dia 14 de maio de 1985. Sendo, portanto o último governador do Território e o primeiro governador do Estado de Rondônia.<sup>3</sup>

A trajetória política de Jorge Teixeira, por um lado, foi representada pelo discurso do administrador, apolítico, bem ao estilo das intenções militares modernizantes-conservadoras instauradas a partir de 1964, tanto na Amazônia

---

<sup>3</sup> A denominação política desta região, hoje Estado de Rondônia passou por algumas mudanças ao longo do tempo. Território Federal do Guaporé em 13\09\1943, Aluizio Pinheiro Ferreira, primeiro governador do Território. Em 17\02\1956 muda para Território Federal de Rondônia em homenagem ao Marechal Candido Mariano da Silva Rondon. E com Jorge Teixeira há a criação do Estado de Rondônia em 22\12\81. TEIXEIRA, FONSECA, 2001.

como no Brasil<sup>4</sup>; por outro, por um modo de agir emocional muitas vezes transbordante que se entende como forma de intimidar seus adversários e, impor o poder necessário às transformações para a modernização do Território e do Estado.

### 3 TEIXEIRA REPRESENTANTE DA MODERNIZAÇÃO CONSERVADORA NA AMAZÔNIA

Ao estudar a história do 1º. Governador do Estado de Rondônia percebe-se que tanto depoimentos de amigos, quanto as análises de historiadores (MATIAS, 1997; HOLADA & MENESES, 2006), destacam uma suposta posição apolítica de Jorge Teixeira durante seu governo.

Através dos depoimentos de pessoas que conviveram com o ex-governador dispostos no livro de Fabíola Holanda e Nilza Menezes (2006), dos discursos e em entrevistas a jornais, Jorge Teixeira sempre afirmou não ser um político e sim um administrador, ou seja, negava sua condição de político e suas relações como tal.

Postura que entendemos incorporar disposições do campo militar e as relações com os tecnocratas, conforme entendimento de Dreifuss no seu livro *1964: A conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe* (1981). Como quando ele fala do envolvimento de tecnocratas, empresários e multinacionais “*que lutavam por um desenvolvimento empresarial seguro do Brasil*” (p. 74, 1981)

a racionalização empresarial dos recursos humanos e materiais do país (onde a nação seria o objeto, o Estado seria o agente e obloco

---

<sup>4</sup> A intervenção do Estado brasileiro a partir da década de 1960 fez com que o capitalismo avançasse de forma implacável e ininterrupta na região Amazônica. Em Rondônia até a década de 1960 a economia se resumia a atividade extrativista de borracha. No final dos anos de 1950 até 1970 a atividade econômica do Território era primordialmente a extração mineral de cassiterita, até a proibição na década de 1970, o que resultou na desestruturação da economia regional. No início da década de 1970 o governo federal com incentivos fiscais e intensos investimentos deu início ao Programa de Integração Nacional, PIN, criando projetos de colonização e assentamento agrário, aumentando o fluxo migratório e as tensões sociais. O que levaria a uma aceleração do crescimento e interesses em transformar Rondônia em Estado. Ibid.

multinacional-associado, o sujeito “elíptico” ou oculto), seria um dos pilares do regime pós-1964, quando o planejamento tornar-se-ia uma dimensão da “racionalização dos interesses das classes dominantes e a expressão de tais interesses como Objetivos Nacionais” (DREIFUSS, p. 75, 1981).

Aqui a racionalização das ações do Estado e das empresas multinacionais serve para desenvolver a modernização do Brasil, lembrando o conceito clássico dado pelos Iluministas para a modernidade em que é há a sobreposição da razão, da ciência e da técnica. Nesse sentido a presença dos tecnocratas na política e na administração do Estado é primordial devido ao seu caráter “neutro” em prol do desenvolvimento do país (DREIFUSS, p. 72, 1981).

Esse mesmo discurso é cabível e refletido nas ações e discursos de Jorge Teixeira, quando ele separa administração de política em pronunciamento na instalação do Diretório Regional do PDS em 22/05/1980:

Um partido político é o suporte para o Governo (...). É trazer problemas com seriedade; dizer o que está errado, como muito bem o disse a nosso Presidente. Não é misturar política com administração, porque isso nunca deu certo, mas ouvir, sim a reivindicação do povo, porque esta a reivindicação que está sendo trazida é do partido do Governo e não dever haver nenhum interesse escondido por trás de uma informação desta. Tem que haver união!(TEIXEIRA, p. 7, 1984)

Em manchete no jornal Alto Madeira 12/12/81 “Teixeira jura: não quer governar o Estado”, Teixeira fala aos jornalistas “sou um homem muito simples e vivo em termos de missão”.

Fazendo um paralelo com política nacional, a representação apolítica dos militares no poder durante a ditadura, pode ser percebida no discurso do presidente Figueiredo ao conversar com um jornalista, ele confessa, “*Nunca vou aprender a ser político*”, e logo recusava, indignado o conselho absurdo de um repórter que insistia: *‘o senhor precisa mentir um pouco; política é assim’* (GARCIA, p. 16, 1979).

Pode-se perceber uma posição apolítica presente nos discursos do Governador Jorge Teixeira que é confirmada também nos discursos de outros

militares no poder como dos presidentes Geisel e Figueiredo, esses discursos representam a institucionalização do modo de pensar e agir dos militares no poder durante a ditadura, e revela o seu grupo político no Estado através dos discursos do governador Jorge Teixeira.

Essa representação apolítica presente nos discursos dos militares se deve a necessidade de justificação da tomada de poder dos militares, sempre com discurso de restabelecer a democracia e organizar o país, ou seja, com uma função meramente transitória e não um fim em si mesmo, segundo Maria José de Rezende:

A ideia de que somente as Forças Armadas tinham condições de preparar a sociedade moralmente continuava sendo amplamente divulgada no período da abertura política. Fazia parte da estratégia militar e psicossocial a justificação de que o seu suposto ideário de democracia era o único que expressava essa preocupação com os aspectos cívicos e morais da organização social brasileira.(p. 294, 2001)

Ocupam função política apenas por ser necessária a organização do país, mas estão convencidos de que não são políticos e sim militares no poder do Brasil, e que após essa estruturação e organização da democracia, quando o Brasil estiver preparado eles devolveriam pouco a pouco o poder para os verdadeiros donos da função, os políticos. Sendo a presença deles essencial para a modernização do país e principalmente da região norte, em pouco espaço de tempo.

Martins (1975, apud COSTA, 2004) *“conceitua a modernização pós- 1960 de conservadora, pois ocorre uma modernização nos meios de produção, mas não nas relações de produção”*.

### **3 TEIXEIRA COMO *HOMEM CORDIAL***

Nos discursos e ações de Teixeira, entretanto, percebemos uma aproximação do militar com as formas de ser e agir do “homem cordial” brasileiro

proposto por Sergio Buarque de Holanda (1995) em sua obra *Raízes do Brasil* dizendo que

[...] já se disse numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade - daremos ao mundo o “homem cordial”, a lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam e que representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece fecunda a influencia ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, “civildade.” [...] (p. 146 a 147, 1995)

O autor, por outro lado, mostra-nos que essas manifestações de cordialidade

[...] São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. [...] Além disso, a polidez é de algum modo, organização de defesa ante a sociedade. Detém-se na parte exterior, epidérmica do indivíduo, podendo mesmo servir, quando necessário, de peça de resistência. Armado dessa máscara, o indivíduo consegue manter sua supremacia ante o social. (p. 147, 1995)

Sérgio Buarque de Holanda vai chegar as características do “homem cordial” (p. 147, 1995), em que há a preponderância de um fundo emotivo e transbordante, em que as ações dele estão baseadas em afeto, em intimidade, deixando a racionalidade e as formalidades distantes.

Dessa forma percebem que são de natureza antagônica as características do *homem cordial* e a modernização, presentes no discurso do governador Teixeira. Conforme bem exemplifica o pensamento de Norbert Elias (1975, apud Löwy, p. 46, 2000) “graças ao processo civilizador, as emoções são controladas, o caminho da sociedade é pacificado e a coerção física fica concentrada nas mãos do poder político”. Podemos fazer uma analogia do conceito de modernidade com o processo civilizador de Elias, por ser esse o objetivo principal do Estado aqui na região amazônica.



Pelas leituras dos discursos de Jorge Teixeira percebemos algumas características presentes como um discurso sempre retórico, por vezes transborda sentimentos e emoções, porém com certo equilíbrio, o mesmo não é visto em suas ações que chegam a ser consideradas brutas ou mesmo autoritárias, principalmente em relação aos seus adversários políticos.

Eu não sou demagogo, porque não aprendi a ser demagogo. Eu gosto das coisas com simplicidade, mas gosto das coisas dentro de uma direção. Eu tenho certeza de que nós teremos um Estado Forte. Já dimensionamos quase todos os problemas. Os dois grandes problemas que limitavam a transformação de Rondônia em Estado eram a rodovia BR-364 e a energia. O primeiro deles já foi resolvido, e estamos brigando pelo segundo. Muito dos senhores, viajando comigo, têm visto a briga pela hidrelétrica de Samuel, mas nós chegaremos lá. Outros problemas já foram resolvidos: a reforma do Judiciário, a reforma tributária, a organização do pessoal, que era uma bagunça, não por culpa dos governadores mas porque Rondônia era um quintal do MINTER, e digo isso, aqui, porque todo mundo sabe que já disse, em Brasília. Agora mudou por que me deram uma destinação que é o de transformá-lo em Estado. (TEIXEIRA, p. 6, 1984)

Dessa forma percebemos o ex-governador como um desvio da estrutura modernizadora e racional comum aos militares, que teve nítido caráter conservador, a partir da análise e leitura dos discursos como um homem cordial diante da necessidade de ter que colocar em prática um processo de modernização em um ambiente periférico marcado pela cultura de tantos outros homens cordiais.

Eu passo o dia preocupado com o Estado e não estou aí para agradar ninguém. Veja que há gente antes totalmente desconhecida e que eu ajudei a se fazer na área política e que agora se volta contra mim. Francamente entendo que algumas vezes sou grosso, mas é preciso ver que eu não provoquei nada e então não posso é me rebaixar. (ALTO MADEIRA, 1983)<sup>5</sup>

Características essas conflitantes com o homem em defesa da modernidade representante dos militares e com características do *homem cordial*, no qual pode ser entendido como representativo dos limites que o processo de modernização do território e do Estado assumiu a partir de sua liderança, não só diante dos interesses

---

<sup>5</sup> Teixeira fala sobre a crise política. **Alto Madeira**, Porto Velho-RO, 13 set. 1983.

políticos locais, como também diante dos interesses nacionais na Amazônia. Assunto do qual pretende dar continuidade na análise.

A saída do governador Jorge Teixeira, no momento atual quando vários projetos de grande porte e de vital importância para o Estado se encontram em desenvolvimento, será uma autêntica catástrofe para Rondônia, representando também enorme repercussão negativa nos setores político-administrativo, porque quem seja que venha a entrar vai ter de precisar pelo menos de um ano para poder fazer o aprendizado da administração pública. [...]. (ALTO MADEIRA,

Está definitivamente afastada a possibilidade do governador Jorge Teixeira permanecer no cargo após a posse no novo presidente da República. Todas as iniciativas nesse sentido estão identificadas e, mais que isso, devidamente interceptadas. A informação é de uma fonte ligada à Aliança Democrática, que ontem desabafou “felizmente, não corremos o risco de suportá-lo em Rondônia até 87”. Para alívio da população tão sofrida deste Estado, Jorge Teixeira é carta definitivamente fora do baralho. (O ESTADÃO, 1984)<sup>6</sup>

Apesar de Jorge Teixeira ter deixado em 1985 o governo com o desenvolvimento de uma infraestrutura mínima para a formação do Estado de Rondônia, a crítica exposta acima representa-nos os limites do processo de modernização imposto ao governador Jorge Teixeira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho não tem a pretensão de encerrar a discussão proposta, pelo contrário a discussão foi apenas iniciada e pretende-se ao longo do tempo e com a análise de mais fontes como os jornais e os discursos de Jorge Teixeira, ter mais embasamento para as hipóteses lançadas e as possíveis respostas as indagações feitas no início.

---

<sup>6</sup> Política é arte do possível. Mas é quase impossível para o governador ficar no poder. Políticos do PMDB e do PDS garantem: Teixeira sai. **O Estadão**. Porto Velho-RO, 17 Agos. 1984.

A partir da análise inicial desses documentos com o referencial teórico utilizado no neste trabalho, consideramos Jorge Teixeira de Oliveira, primeiro governador de Rondônia, como um representante dos interesses modernizadores dos militares para o desenvolvimento econômico, social e político da região amazônica do período militar. Porém contraditoriamente percebemos em seus discurso e ações, características típicas do *homem cordial* de Sergio Buarque de Holanda.

Um homem importante para a política de Rondônia como Teixeira com características tão contraditórias, nos faz crer que seja em razão dos limites impostos a ele enquanto militar e político a desenvolver a tal modernidade em uma localidade com atributos tão peculiares como a Amazônia, a citar como a distância geográfica dos poderes políticos.

Como já foi dito essa hipótese é apenas prévia, haja vista a pesquisa estar no início, e muito ainda há de ser pesquisado e analisado para fim de se chegar a uma conclusão satisfatória do tema.

### Referencias Bibliográficas

COSTA, Fernanda Laura. **As mudanças viabilizam o conservadorismo: o regime militar e o planejamento agropecuário goiano 1964-1974**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, 2004. Acesso em 28/03/2013. Disponível em < [http://pos-historia.historia.ufg.br/uploads/113/original\\_COSTA\\_\\_Fernanda\\_Laura.pdf](http://pos-historia.historia.ufg.br/uploads/113/original_COSTA__Fernanda_Laura.pdf)>

DREIFUSS, René Armand. **1964 A Conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1981.

GARCIA, Alexandre. **João Presidente**. Rio de Janeiro: Artenova S.A., 1979.

GASPARI, Elio. **A ditadura encurralada**. São Paulo: Companhia das Letras., 2003.  
Gente de Rondônia. **Personagens da Nossa História**. Porto Velho, SECEL, 2001.

HOLANDA, Fabíola; Menezes, Nilza. **Jorge Teixeira: Uma contribuição Documental**. 1ª. ed. Porto Velho: EDUFRO- Editora da Universidade Federal de Rondônia, 2006.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro. José Olympio, 1982.

HUNT, Lynn. (org) **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

IANNI, Otávio. **Ditadura e agricultura: o desenvolvimento do capitalismo na Amazônia: 1964-1978**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 55 A 62.

JORGE TEIXEIRA, Memorial. **Caderno Curricular, Coronel de Artilharia QEMA Jorge Teixeira de Oliveira**, 2001.

LÖWY, Michael. BENSAID, Daniel. **Marxismo, modernidade e utopia. Organização e apresentação de José Corrêa Leite**. São Paulo: Xamã, 2000.

MATIAS, Francisco. **Pioneiros: ocupação humana e trajetória política de Rondônia**. Porto Velho: Maia, 1998.

OLIVEIRA, Jorge Teixeira de. Governador do Estado de Rondônia. **Governo Jorge Teixeira: 5 anos de realização para todos**. Porto Velho, Casa Civil, Divisão de Comunicação Social, 1984.

REZENDE, Maria José de. **A ditadura militar no Brasil: Repressão e pretensão de legitimidade 1964-1984**. Londrina: Ed. UEL, 2001.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Literatura e cordialidade: o público e o privado na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SILVA, Amizel Gomes da. **No Rastro dos Pioneiros; um pouco da história rondoniana**. Porto Velho, SEDUC, 1984.

TEXEIRA, Marcos Antônio Domingues. FONSECA, Dante Ribeiro da. **História Regional: Rondônia**. Porto Velho, Rondoniana, 2001. 2ª ed.

SERAFICO, José. SERAFICO, Marcelo. **A Zona Franca de Manaus e o capitalismo no Brasil**. Em: Estudos avançados [online]. 2005, vol.19, n.54, pp. 99-113. ISSN 0103-4014. doi: 10.1590/S0103-40142005000200006.